

ASSIGNATURA

12 números 8\$000
N.º avulso — 1\$000

A Ordem

(ÓRGÃO DO CENTRO D. VITAL)

RED. SECRETARIO
PERILLO GOMESDIRECTOR
JACKSON DE FIGUEIREDO

Toda a correspondência deve ser dirigida para

a

RUA RODRIGO SILVA, 7

RIO DE JANEIRO

O BRAZIL DE HOJE

(Conferencia realizada pelo nosso Director, a convite do Curso Jacobina, no dia 31 de Agosto).

Celebraremos dentro de breves dias e, como não commover-nos? — o primeiro centenario da independencia politica da nossa patria, não sendo, assim, fóra de proposito tentar apprehender, em conjuncto, o que ella é hoje, de facto, no mais vasto scenario do mundo, em face da civilisação ou dos ideaes que a esta correspondem; indagar se, até agora, nada mais temos feito que os reflectir de imperfeitissimo modo, ou se elles, realmente, se revêem em nós se em nós vivem vida superior, se lhes temos accrescentado mesmo alguma força propria, que brazileiramente os caracterise.

Certo jamais vos poderia passar pela mente, ao nos chamardes a esta tribuna que, como economista, ou mesmo como historiador ou geographo, vos fallassemos. Certo, da humildade do nosso labor intellectual so una cousa ter-vos-á ferido a attenção: a confiança com que uma vontade, posta a serviço de uma doutrina — a mais alta, a unica verdadeiramente santa e invencivel — busca medir a extensão dos males que as demais doutrinas têm feito ao Brazil, pondo sempre em relevo, entretanto, tudo quanto representa força, vigor, saúde moral da nacionalidade isto é, tudo quanto nella diz de sua intima ligação á unidade da civilização christã. E é deste ponto de vista que consideraremos o Brazil de hoje e esperamos em Deus não se vos afigure elle, em si, tão mesquinho como o é, realmente, o seu propugnador, que vos falla. De facto, nem mesmo a ideia de patria terá nunca a grandeza e a belleza que lhe são proprias, senão levada a essa ordem moral que vem a ser como que a eminencia de onde se olhe e se avalie tudo o que na planicie immensa é conquista de ordem material, o que vulgarmente chamamos progresso, objectivação do nosso esforço economico, commercial, industrial e mesmo politico, no quadro das realizações collectivas de policiamento de costumes, de protecção aos que della necessitam.

Pois bem, subamos por um instante a essa eminencia e fieis no amor da verdade, tentemos ter uma ideia do que somos, do que sabemos, a esta hora em relação ao que fomos e ao que pensamos que poderemos ser no seio da civilização occidental.

O Barão do Rio Branco assim terminava o seu «Esboço de historia brazileira», publicado em 1889.

«A FUNDAÇÃO DO CENTRO D. VITAL, É UM ACONTECIMENTO DE GRANDE ALCANCE RELIGIOSO E SOCIAL PARA O BRAZIL. PEDINDO A N. SENHOR QUE ABENÇOE OS ESFORÇOS DO SR. DR. JACKSON DE FIGUEIREDO, O INICIADOR DESSA GRANDE OBRA, APPROVAMOS OS SEUS ESTATUTOS.

A TODOS OS CATHOLICOS, PRINCIPALMENTE AOS QUE SE INTERESSAM PELA RESTAURAÇÃO ESPIRITUAL DOS NOSSOS INTELLECTUAES, RECOMMENDAMOS O CENTRO D. VITAL».

† SEBASTIAO.

Arcebispo Coadjutor do Rio de Janeiro.

—O—

no livro organizado por Sant'Anna Nery para a Exposição universal de Paris:

«Ha quarenta annos, o Brazil, pacificado no interior, faz grandes esforços sob a direcção do Imperador D. Pedro II, no sentido de espalhar a instrucção, elevar o nivel do ensino, desenvolver a agricultura, a industria, o commercio, e tirar partido das riquezas naturaes do seu solo com a construcção de linhas ferreas, o estabelecimento de linhas de navegação e favores concedidos aos immigrants. Os resultados obtidos já são consideraveis; em nenhuma parte da America, salvo nos Estados Unidos e no Canadá, a marcha do progresso tem sido mais firme e mais rapida».

Notae bem: nunca um historiador poude parecer mais confiante na concusão optimista de uma longa serie de premissas — digamos assim — todas favoraveis á consolidação de uma dada ordem de cousas. Ora nunca um historiador, acertando, aliás esteve mais perto do erro, mais estranho mesmo aos processos que levam á realidade, quando essa realidade, que se quer apprehender, é a da verdadeira vida das Ora nunca um historiador, acertando, aliás, esteve mais no tecido das suas forças interiores, dos seus mais intimos estados de consciencia do que nas suas obras, na face pouco significativa das cousas já realizadas, postas á luz do sol.

Esquecia Rio Branco, no seu optimismo, que o Brazil, criação que fôra da civilização catholica — talvez mesmo a sua mais bella criação deste lado do Oceano, como que penetrara o seculo dezanove com a mesma pessima cegueira de que se resentia a Metropole: quero dizer: a deschristianização, mais ou menos hypocrita, do seu escol intellectual, preparava-o para a revolução e o seu tremendo correctivo pagão: o cezarismo. É um facto que a Revolução, a que me refiro, nada tem que ver com a chamada revolução que libertou o Brazil. Esta, não o foi, na sua essencia. Foi antes, com a queda das cadeias de um dominio que era tanto mais aviltante quanto nada mais significava então que o dominio do traco sobre o forte, foi antes, digo, a Revelação da nossa soberania, como que a definição dos «dogmas nacionaes» para usar da expressão felicissima de um homem dessa epoca, o nunca bastantemente louvado autor das «Considerações sobre a França»... Elle, ás revoluções como aquella, também não se pejava de chamar sagradas e legitimas na sua extrema raridade. A outra, a que me refiro com o justo horror que lhe deve ter todo homem christão, e que se fizera como que a atmosfera envolvente e envenenada da justa, da unica legitima revolução brasileira — porque justa e legitima também na vida de todos os povos — essa outra revolução, com que logo nos diminuímos na posse da nossa autonomia, era o que ainda é hoje: a da negação mais ou menos descarçada dos direitos de Deus e de sua Igreja no governo dos homens, dando como resultado pratico o maior e mais pesado dominio do homem sobre o homem, verifique se elle na acção mais ou menos grosseira da população sobre uma hierarchia periclitante ou na elegancia criminosa das aristocracias pagãs, pará as quaes é o povo meio de satisfação egolátrica e não deposito da confiança divina. Não via Rio Branco que nós brasileiros, após as lutas mais ou menos intelheis do primeiro reinado — conseguida sob a regencia como que a legitimação objectiva da nossa autonomia politica, tão tracos vinham sendo, no emtanto, os principios inspiradores de toda a politica do segundo reinado, a que cobria de louvores, que nos deparavamos de novo sob a ameaça de uma sobrepticia recolonização de ordem social — que dono é quem, nesta ordem, é o senhor de fortuna — dado que Pedro II jámais soubera esquivar-se, como homem de governo, desse plano inclinado em que o regalismo se deixa arrastar pela Revolução, isto é, pela negação mesma da autoridade na sua expressão legitima e sagrada.

Foi assim que a Republica se fez no Brazil.

Não ha condemnai-a em si, maximé se pensamos que, acertada ou erradamente, ella era a aspiração de nosso escol de agitadores politicos, desde 1710, desde as primeiras mais fortes manifestações do nosso antagonismo com o povo portuguez.

Ha, por conseguinte, uma só cousa a registrar: impunha-se-nos a Republica com um terrivel mal de origem: a herança que lhe deixara a monarchia. Filha de facil victoria, da quazi ridicula victoria da indisciplina de alguns militares contra uma autoridade que vinha, ha annos, se despindo de toda a magestade que lhe era propria, feliz de se mostrar duvidosa, descuidosa de si mesma, pareceu a principio que retrogradavamos cem annos, ou melhor, que nos

iamos atundar no lamaçal e na sangueira das tropealias politicas mais tenebrosas e mais enfraquecedoras. Houve realmente um crepusculo na vida nacional. Ponde-se ver, então, sob o horizonte de chumbo, cortado de raios purpureos, um monstruoso sabbat de duvidas e negações, e pavar sobre tudo a aza sombria do «remorso social», o angustioso estado de espirito colectivo de que nos fallava Traparelli. Viu-se então o esquecimento de que a Republica fôra uma lenta composição — feliz ou infeliz, não importa — da consciencia civil da nação; viu-se então a proclamação, mais do que affrontosa, de que ella era a «vontade» de alguns soldados aventureiros imposta a um povo «bestificado», e os grupelhos a arder na mesma incoercivel vaidade de mando, pareciam dispostos a despedaçarem a unidade da patria nas pontas aceradas dos seus philosophismos de caserna ou de club, para gloriola das egrejinhas e apostolados de paranoia mais ou menos revolucionaria.

Não tinha que ser assim, porém, ao saber da mediocridade, do pedantismo e da loucura, a nossa historia destes ultimos trinta annos. Não ha negar, nem seria eu que o tentasse por torça de inintelligente optimismo, não ha negar que não são poucos os males que nos atormentam e os problemas de extrema gravidade que nos restam ainda a resolver e para os quaes não tivemos até agora, nem a coragem de olhar com firmeza. Mas a verdade é esta que vos vou dizer e só a negar o gosto amargo da negação pela negação ou adeantada miopia: tem, paradoxalmente, cabido á Republica, isto é, a um regimen que se costuma casar sempre a mentalidade revolucionaria, tem cabido á Republica o refazer no Brazil o sentimento da autoridade, a consciencia da lei, o que equivale dizer, a vida normal da sociedade, a physionomia christã da sua civilização, por conseguinte: o espirito que, unico, pode «encaminhar a aspiração na via da tradição», tal como tão conscienciosamente dizia ha dois annos o sr. Afonso Penna Junior — e assegurar-nos, assim, a unidade da patria.

As iras da legião retrógrada, foste testemunha ha pouco: repetindo Floriano, repetindo Rodrigues Alves, ponde o sr. Epitacio Pessoa oppor a energica mas serenissima defesa da lei. E quando se levar em conta que, tanto Rodrigues Alves como o actual Chefe da Nação, foi do proprio Exercito que se valeram para abater o cáudilhismo, não se poderá negar sem levandade ou morbido pessimismo, que, para o Brazil, souo, justo á hora do seu primeiro centenario de independencia politica, a da sua mais consciente vida introspectiva, em que parece está a aprofundar «o que é» nas camadas mais solidas «do que foi», como povo de christianissima origem, onda altiva sob o céu do mundo occidental, em que se fundiram, na mesma fé catholica, os mais oppostos heroismos!

Sim: não nos lastimemos do que somos hoje. Olhe-mos com fé para o futuro: Não somos nós, por natureza, mais amigos da poesia, mais inclinados ás cousas do espirito; que os nossos, actualmente archipoderosos, irmãos de Norte America? Sim: temos crescido em força bem mais lentamente, mas também porque esquecer que mais lentamente vamos conhecendo as misérias do febril industrialismo que a elles talvez devora? E, ainda assim, que não temos feito de grande sobre o solo da America? Não será uma das maravi-

lhas do
bitano
de um
economi
lizou o
em du
o povo
que m
norte
triotico
brazilei
terra
tan as
cidades
deste,
ravilha
existen
minio
como
no co
mento
não te
ção, p
contem
como
justiça,
Res
um so
quecido
não s
de um
Sob a
tinham
seculo
de um
quem
car qu
estava
que n
no qu
vida d
Ap
ração,
nesta
der, q
ba ex
menos
sobre
«A
Muricy
duvida
nesta
alguma
ve, s
fluenci
indivíd
perpas
regina
No
facto
mesma
sente,
racter,
de po
Cruz,
priame
como

queira das trope-
enfraquecedoras.
da nacional. Pou-
de chumbo, cor-
uoso sabbat de
ndo a aza sem-
o estado de es-
traparelli. Viu-se
publica fôra uma
não importa —
então a procla-
que ella era a
cosos imposta a
os a arder na
pareciam dis-
patria nas pon-
de caserna ou
apostolados de

ao saber da
tura, a nossa
ha negar, nem
intelligente opti-
micos os males
de extrema gra-
ver e para os
a coragem de
esta que vos
margo da nega-
ta: tem, para-
é, a um regi-
mentalidade re-
o refazer no
consciência da
nal da socie-
civilização, por
de «encaminhar
mo tão cons-
Afonso Penna
unidade da pa-

testemunha ha
drigues, Alves,
energica mas
levar em con-
o actual Chefe
ue se valerán
rá negar sem
para o Brazil,
tenario de in-
consciente vida
aprofundar «o
que foi», como
altiva sob o
diram, na mes-
coismos!

os hoje. Olhe-
nós, por na-
inclinados ás
bmente archi-
temos cresci-
tambem por-
os conhecendo
a elles talvez
eito de grande
a das maravi-

lhas do mundo este Rio de Janeiro mesmo, em que ha-
bitamos? Que falta a S. Paulo para ser a capita-
de um grande povo, o centro de trabalho, de esforço
economico de um grande paiz? Que povo jámais rea-
lizou obra mais grandiosa, nem mais bella, sobretudo
em duas ou tres dezenas de annos, que a que fez
o povo mineiro com a sua Capital? E não pareis, vós
que me ouvides, olhae do extremo sul ao extremo
norte e não vos deixará decrescer o enthusiasmo pa-
triotico a affinação de vida progressiva da nação
brazileira nestes cem annos de independência. Sobre a
terra ainda pouco firme da Amazonia — que impor-
tam as provações deste ou daquelle momento? — vereis
cidades poderosas — sobre o chão resequido do Nor-
deste, já, imponente, a obra humana! E quando ma-
ravilhados dos aspectos puramente exteriores de nossa
existencia, quizerdes ir mais fundo, penetrar o do-
mínio mesmo de nossa vida interior, do que somos
como consciencia, como espirito, na «magna civitas»
no conjunto da civilização christã, nem por um mo-
mento vos esmoreça a ancia indagadora, nada temais,
não tereis de que vos envergonhar. A nenhuma na-
ção, podemos assim dizer, a nenhuma nação na vida
contemporanea, tem talvez cabido papel tão importante
como á nossa, na expansão do Direito, da idéa de
justiça, nas relações entre os povos.

Resultado da mais singular fusão de raças, sobre
um solo, quatro seculos atraz inculto e como es-
quecido da Providencia, nada ha que estranhar em
não sermos já possuidores de uma litteratura capaz
de universalisar-se nas suas mais poderosas creações.
Sob a onda de anargos philosophismos, de que se
tinham impregnado as nossas letras, no decorrer do
seculo XIX, e a tal ponto, que davam a impressão
de uma antecipada velhice, o observador de bõa fé,
quem tivesse realmente olhos de ver, poderia verifi-
car que, resistente e impenetravel a toda desordem,
estava o velho, o herdado fundo christão, que é o
que nos innana e integra ao mundo, á sua historia,
no que ella tem de mais bello, e mais alto, «de
vida que não morre», como diria Chamberlain.

Apraz-nos citar agora um escriptor da nova ge-
ração, para que se veja que não estamos isolados
nesta verificação de ordem historica, que tem o po-
der, quando perfeitamente expressa, de dar a mais ca-
ba explicação de alguns dos mais complexos pheno-
menos de que resulta a grande esperança, que paira
sobre o Brazil de hoje.

«Affiona-se constantemente — diz o Sr. Andrade
Muricy — que o Brazil não tem tradições. Não ha
duvida que temos mais que construir do que conservar
nesta nação. Será isto justa razão para abandonarmos
alguma cousa legitima já conquistada? Povo plasma-
vel, sujeito, como os adolescentes a todas as in-
fluencias exteriores, esquecemo-nos de conservar nossa
individualidade, nosso caracter proprio, em meio do
perpassar kaleidoscopico das modas e das vogas pe-
regrinas».

Nossa individualidade, nosso caracter proprio... O
facto é que já o temos, facilmente reconhecivel na
mesma produção litteraria, que é o que mais se re-
sente, no Brazil, de estranhas influencias. Esse ca-
racter, essa individualidade é — como nega-o? — o
de povo christão, conquistador, sob os auspicios da
Cruz, de uma terra que, se não é, toda ella, pro-
priamente, «um jardim em tresecura e bosques» — tal
como lhe chamava o santo poeta missionario — nem

muito menos o inferno desmoralisante da energia de
todas as raças — tal como tantos, que a não co-
nhecerin, supõem e escrevem — é tão extraordinario
motivo de humanas ambições que muito devemos ani-
mar a nossa, para que nunca lhe tome a deanteira
a de estranhas gentes, nem sempre, tanto como nós
respeitadores de direito e justiça.

Esse caracter foi o que fez no Brazil, do roman-
tismo, tão pernicioso ás sociedades europeas, uma
reacção caracteristicamente nossa e, ao mesmo tempo,
christã, mesmo nas suas manifestações mais desor-
denadas e apparentemente hostis á Egreja — porque
o que elle foi, sobretudo, com toda a sua apologia
do individuo e da intemperança, foi o protesto da
nossa consciencia collectiva contra o scientificismo mal
aprimado com que nos havia presentado o culto re-
volucionario da Encyclopedia e seus pedantissimos co-
ripheus, assim, como que a proclamação de nossa auton-
omia mental. O veneno, ás vezes, tambem cura. A fra-
queza do mal — já o notara Bossuet — está em que
acaba por se voltar contra si mesmo. De que, quan-
do assim não se não destroe, vale-nos o seu excesso,
temos prova tambem em nossa propria historia. Já-
mais dera povo algum este espectaculo de ridiculo
que constituiu, por assim dizer a nossa maxima
manifestação intellectua, nos primeiros annos do re-
gimen republicano: a quase officialisação de uma aca-
nhada seita philosophica, de uma pretenciosa forma de
scepticismo revolucionario, erigida em guia e consê-
lho da nação! Parece incrível! Pois bem: ao excessó
de ridiculo teve o mal que ceder. De toda a parte
foram violentas as contradictas, que soffreu, e ás
lições da Egreja, não pouco ajudaram, na sua des-
truição, fossem as desabusadas negações de Tobias
Barreto e Silvio Romero, fossem os esforços iso-
lados de Farias Brito, em prol do renascimento da
espiritualista nas letras brasileiras.

Tem razão, pois, senhores, o Sr. Ronald de Car-
valho, outro escriptor da nova geração, quando, do
balanço mesmo da nossa litteratura, em todos os
ramos, ponde concluir e com desassombro o disse
que já «o Brazil representa uma força nova da hu-
manidade» e possui «uma civilização mais ou menos
definida, onde predominam. é certo, as influencias
europeas, mas onde já se vislumbra varios indícios
de uma proxima autonomia intellectua, de que a sua
litteratura, já consideravel e brilhante, constitue a me-
lhor e mais decisiva prova».

Imaginamos que, se de todo não nos falhou a
expressão, vos temos dito que cremos no Brazil, neste
Brazil de hoje, sobre o qual me quizesstes ouvir e mai-
grado a epopéa de pessimismo em que alguns de seus
filhos, e, ás vezes dos mais notaveis, julgam de seu
dever patriotico, enquadrar todas as suas lutas, todos
os seus esforços, todas as suas realizações.

Não estamos, de modo algum, ao lado desses ater-
rorizados censores ou simples amigos do pranto e
da lamentação. Poderíamos mesmo interromper aqui a
serie de nossas conclusões, e nem por isto nos arre-
penderíamos, com a certeza de só nos termos valido,
até agora, das observações em favor do nosso opti-
mismo quanto ao que somos, actualmente em relação
ao que eramos. Mas não nos tememos das nuvens que
tambem avistamos, mais ou menos escuras e tristes
de aspecto mais ou menos ameaçador, sob o claro
e firme azul destes céos.

Sabemos e já a elles de passagem nos referimos, que ha graves problemas a resolver no Brazil de hoje, implicando gravissimos erros e funestissimas tendências, que é preciso combater. A ninguém, verdadeiramente sensato e amante deste paiz, escapa que «é urgente se estabeleça, entre nós, mais rigoroso methodo de disciplina social». São de um escriptor muito moço tambem, o Sr. Tasso da Silveira, estas ultimas palavras, e é assim que se completa o seu pensamento: «Não somos — diz elle — sustentados por invenciveis tradições seculares, como os povos da Europa. Relativamente falando, somos trageis ainda, inconsistentes em nossa estrutura intima, para poder-mos fugir á dissolução, no caso de um abalo mais violento. E é por julgar assim, que eu instinctivamente anti-militarista, apoiarei em qualquer tempo todo projecto de organização militar, que domine a indisciplina nativa de nosso povo. E é por isto, principalmente, que vejo com bons olhos o esforço de alguns por guardar o espirito religioso da nossa gente, protegendo-o contra incursões de crenças e doutrinas diferentes daquellas em que a nossa alma se vem formando, e que constituem hoje a essencia do que somos, apezar de nós mesmos e de nossas duvidas».

Quando a mocidade assim fala, pode-se dizer que o bom senso já está muito vivo e forte no povo a que ella pertence. Mas não ha negar que só a Religião catholica poderá, com vantagem, ajudar-nos a fazer com que desapareçam da nossa vida lastimaveis signaes de indisciplina social, que, aggravada acaso, a qualquer hora, poderá levar-nos á completa ruina moral, ao anniquilamento da unidade nacional, morte, portanto, do que dizemos com orgulho: o povo brasileiro.

De facto, no momento mesmo, em que tudo parece assegurar o triumpho cada vez mais sereno da Autoridade contra os tradicionais elementos de nossa indisciplina social — não da essencia do nosso proprio temperamento, como julgou o jovem pensador, que acabamos de citar, mas creada, sobretudo, pelo nosso contacto com os povos do Prata e a acção do voltaireanismo coroado da ultima phase do Imperio — neste momento, é que nos ameaça, com a exploração dos nossos ultimos assomos de pessimo liberalismo, uma certa cultura «netêque», infensa á idéa de Patria, ora apresentando-nos o sophisma recolonizador de duas patrias para um só povo (!), ora pugnando por que isto aqui se transforme em campo experimental de anarchismo em casa alheia...

É contra a primeira destas perigosas extravagancias, que, previnindo-a, disse Alvarô Bomilcar: «as nacionalidades não se constituíram por meio de formulas vãs de sentimentalismo, e mesmo quanto aos individuos, postos no mais alto gráo de moralidade e altruismo, ninguém tomará por prudente e avisado aquelle que franquear a sua hospitalidade a parentes que pretendam mandar na sua casa, nos seus filhos e na sua fazenda mais do que o legitimo proprietario».

Foi contra a segunda que o governo mesmo do Sr. Epitacio Pessoa teve a gloria de resistir do modo mais patriótico, cortando-lhe cerce as garras mais crescidas e mais audazes, ao tempo em que um jurista tambem representante do novo espirito politico que fecunda o Brazil, o Sr. Affonso Penna Junior assim nos falava sobre a maneira como devemos encarar uns tantos problemas a que ella de mais perto, se liga:

«Procurae — dizia elle aos bacharelados de 1920 em Bello Horizonte — os meios convenientes de prophylaxia social com que se preeva a installação definitiva do problema operario e as explosões libertarias que elle sempre acarreta».

Lembrae-vos, porém, de que a regulamentação legal do trabalho não se ha de inspirar precipuamente no interesse do operario mas, como toda a lei, terá em vista, acima de tudo, o interesse social isto é todos os indispensaveis e respeitaveis factores envolvidos no problema». E ainda sobre o assumpto é d'elle a citação destas admiraveis palavras de José Enrique Rodó, o penetrante pensador uruguayo:

«Uma tendencia irresistivel, inclinará sempre a todos os espiritos nobres em favor da parte menos afortunada ou mais fraca em qualquer conflicto de paixões humanas. A causa do operario traz por isto em si mesma uma attracção que independe do que haja de justiça em cada uma de suas reivindicações».

Mas, na tarefa de legislar, que não é obra da espontaneidade do individuo, sinão cumprimento de uma delegação da communhão, essa inclinação individual tem que se subordinar ao respeito e equidade devidos a todos os interesses legitimos, de cuja articulação harmonica promana a ordem social, e cujo equilibrio compete aos órgãos do poder publico o manter com a alta imparcialidade de quem sobrepára ás competições de classes.

E cumpre ajuntar-se a essa consideração de dever e de responsabilidade uma outra inspirada em um sentimento de justiça; e vem a ser que, si ha um genero de capital que mereça particular respeito, é este, sem duvida, o capital empregado na industria; porquanto, longe de subtrahir-se com pusilanimidade e avareza ao movimento da vida, para grangear um beneficio sem riscos, representa um espirito de iniciativa e emprehendimento, que contribue para o fomento dos interesses geraes affrontando, não raro, a contingencia da ruína».

São estes, pois, meus amigos, os conselhos do bom senso, da sã politica patriótica, ao Brazil de hoje. Se os seguir, certamente os nossos motivos de esperanza na sua grandeza, em face do mundo, e sobretudo, do alto destino humano que é evidente. Deus lhe traçou como um dos fins a que póde chegar a sua livre vontade — certamente, digo, serão amanhã esplendidas realidades. Vigor de mocidade não nos falta. É preciso sómente que corrijamos os erros da nossa educação social de cincoenta annos a esta parte. Como vos disse não se tem feito pouco neste sentido, de alguns annos para cá. A consciencia juridica do paiz já poudé affirmar que a nossa propria «magna carta» politica, não é nem pode ser instrumento de deschristianização do paiz. É preciso, porém, que ella venha a ser a garantia mesma do nosso christianismo, do amor que, como povo, como collectividade, como nacionalidade, devemos á Igreja catholica vinculo moral e sobrenatural da vida de todas as gerações brasileiras, hoje ainda, como hontem, como sempre, afinal, refugio de toda a humana dignidade, de toda consciencia verdadeiramente livre — e só o é aquella que, individual ou collectiva, informa toda a orden pratica de sua vida, da certeza de que «originariamente, o direito nasce do dever».

JACKSON DE FIGUEIREDO.